

FICHA TÉCNICA

Título: Nomes e Alcnhas de Cascais

Autor: Henrique Rodrigues de Brito

Edição: União das Freguesias de Cascais e Estoril

Data da Edição: Maio de 2019

Impressão: TSWY

Depósito Legal:

Tiragem: 100

PREFÁCIO

O talismã da alcunha

Foi cascalense dos quatro costados. Nasceu a 23 de Janeiro de 1927, na pequenina Rua da Palmeira, trabalhou durante 63 anos numa loja da Rua do Regimento da Infantaria 19, junto ao Largo de Camões. Vendia calçado, solas e cabedais. Por isso, Henrique Rodrigues de Brito era mais conhecido como «o senhor Henrique da sapataria». Faleceu a 19 de Maio de 2014.

Versejava. Ou melhor: para ele tudo era motivo de mais uma quadra, quer a pedido, quer porque estava prá virado.

Este livrinho, ora em 2ª edição, vem na altura certa e bem fez a União das Freguesias de Cascais e Estoril em o reeditar.

Assim se mostra quanto de saboroso, típico e substancial a alcunha encerra, por desta forma se caracterizar espontaneamente toda uma personalidade, nos seus tiques, na sua maneira de ser, na actividade que exerce. Diria ser uma espécie de talismã, que cada um carrega consigo e não se importa nada, porque sabe que, no fim das contas, ali não há maldade mas uma ingénua forma de carinho.

Sentiu-se a necessidade, aqui há tempos, de editar um livro com as alcunhas do Alentejo. É o *Tratado das Alcinhas Alentejanas* (Edições Colibri, 4ª edição, 2013), de Francisco Martins Ramos (da Amareleja) e Carlos Alberto da Silva. É o primeiro professor catedrático de Antropologia; doutor em Sociologia, o segundo! Isto para mostrar o extraordinário alcance que a alcunha tem no seio de uma sociedade.

E, neste livrinho, a sociedade é a vila de Cascais e as suas gentes, nos meados do século passado. As gentes com quem Henrique Rodrigues de Brito, «o senhor Henrique da sapataria» se cruzava todos os dias. Diz ele, no final do larguíssimo rol de alcunhas, que porventura mais haveria, «não me lembro, podem crer. Por me doerem as unhas, vou terminar de escrever».

Terminou essa primeira parte, porque vem depois um ressuscitar do Largo Camões, o coração da vila; um relancear de olhos sobre os nobres que escolheram Cascais para viver – e o povo tinha por eles admiração e eles este Povo bem entendiam; passeamo-nos de seguida pela Rua Visconde da Luz e pela Rua da Palmeira, que lhe era tão querida, pois aí nascera. De caminho, não poderiam esquecer-se os sons quotidianos, Cascais e os seus pregões («Ó viva da costa! Venha cá ver, freguesa!») – parece-me que as estou a ouvir, as azougadas varinas, com seus aventais coloridos).

Para quem, hoje, vê a vila custa-lhe a crer, de certeza, na quantidade de ofícios que por ali pululavam! De tudo havia! O funileiro, o latoeiro, o amolador, o ferrador, o capador... quem diria?!

Revivemos, porém, os que tivemos a dita de já ser vivos então: a tabacaria do Messias, onde se compravam cadernos, lápis, os livros prá escola... Ai, as nozes e os bolos do Paulino!... Ainda hoje para os mais antigos escapa, de vez em quando, a referência à «padaria do Paulino» e, se calhar, até quem lá trabalha ainda não reparou bem na grande chaminé que o forno tinha... A Marelina, onde havia tudo quanto era botão e onde todas as modistas se aviavam. A relojoaria do Gomes; o Ferrer engraxador; o Barateiro, para os bibes; a sapataria do Carneiro; a Tabacaria Cabral; o Béu da drogaria na rua da polícia; o Retratista, que viria a morrer na Boca do Inferno, a tentar salvar uma turista; o Edmundo Ferreira, actor no grupo cénico dos Bombeiros; o chefe Zé Frito, uma glória dos bombeiros; «no outro lado do rio» (achei piada a esta frase!), a estância do Estêvão d'Oliveira...

Henrique Brito tudo envolve nas suas rimas e não esquece histórias. O velhote Caga Lume, relojoeiro, quando ia para montar os relógios «sempre lhe sobravam peças»! O «Salsa», Mestre Oliveira, exímio afinador de pianos; o «Joaquim da Cooperativa que rifava um galo por semana»!

No domínio dos «comes»: o João Padeiro (ai, aquele linguado frito que não tinha igual!...); o Pereira, que persiste na 'ementa' dos nossos dias; o Mestre Zé, que viria a ter restaurante no Guincho; o Torretas, com taberna em Birre; o Manuel Diabo, com casa de pasto entre o cemitério e a Boca do Inferno e o que a gente brincava com isso!...

Vários dos personagens acabaram por se alargar pelos lugares vizinhos de Torre e de Birre: os Gafanhotos, os Paulistas, os Campanudos... Alfredo Pinheiro, o Perna de Pau, teve estabelecimento na Torre, muitas vezes me cortou o cabelo, e era ali mercearia, taberna, tudo... Foi presidente da Junta de Freguesia, doou à Misericórdia a creche que viria a ter o seu nome, na estrada para Birre. E já que se fala nessa estrada, à beira da qual eu passei a minha meninice, direi que uma das personagens que mais admiração me causava, pelo mistério que dele evolava (penso eu), era o Màriguta, que apregoava «Fèrrevelho!» e eu corria a perguntar «Ó mãe, não tens aí nada pró Màriguta?»... E, de vez em quando, vinha também o azeiteiro, que nos abastecia de azeite, petróleo, sabão... A carroça dele era um espanto de brilhos e de vasilhas!...

Antes de se lançar na evocação do Largo Camões, Henrique Brito afirma não ter «veia poética». No final do livro, apela ao respeito pelos velhos, que são, afinal, como ele, repositório de tantas memórias. De memórias se vive aqui. E se revivem. E poesia, Amigo, é isso mesmo: criar rimas, sim, mas sobretudo fazer as memórias falar. Em tom de chalaça aqui, mais sério acolá; sempre, porém, numa profunda atenção às Pessoas! Essa, a sua grande Lição! Estamos-lhe também gratos por isso!

José d'Encarnação

Associação Cultural de Cascais